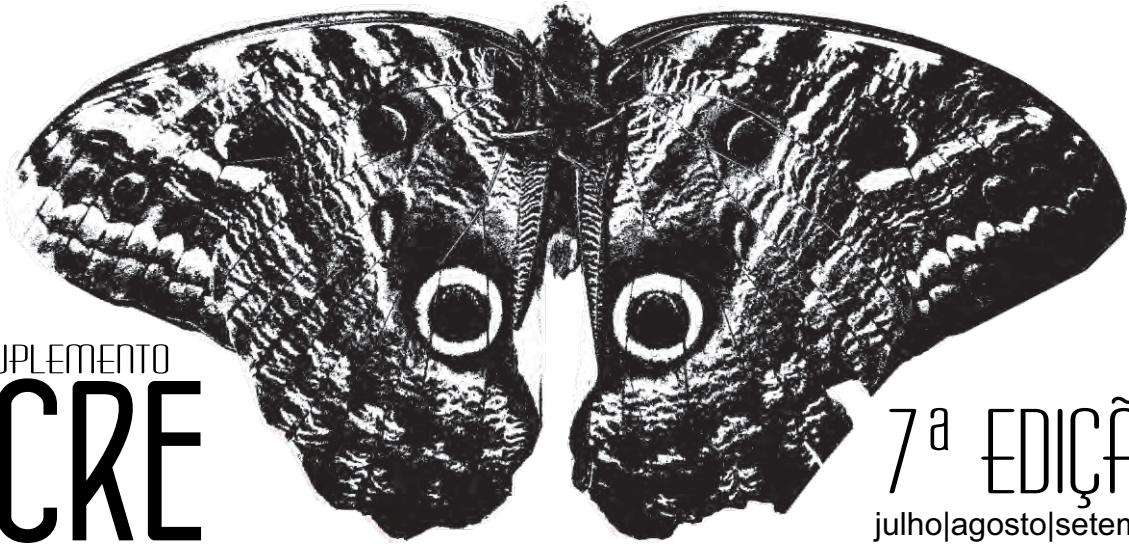


# SUPLEMENTO ACRE



7ª EDIÇÃO  
julho|agosto|setembro

“Acho que só devemos ler a espécie de livros que nos ferem e trespassam. Se o livro que estamos lendo não nos acorda com uma pancada na cabeça, por que o estamos lendo? (...) Precisamos de livros que nos afetam como um desastre, que nos magoam profundamente, como a morte de alguém a quem amávamos mais do que a nós mesmos, como ser banido para uma floresta longe de todos. Um livro tem que ser como um machado para quebrar o mar de gelo que existe dentro de nós.”

Carta a Oscar Pollak, (Franz Kafka)



no chaprisco do mundo a gente raspa a cara, reza aquela ave maria cheia de arabescos, caindo nas suas mãos leves dos meninos que andam com suas facas tinido de tesão pelo bucho do opressor que sempre mostra sua fragilidade quando sente tesa o metal invadindo seu corpo.

socorro grita o naufrago que queria fugir de suas dores, que queria fugir de si mesmo, eu não sei nadar em piscinas de plástico. Só sei nadar em nuvens vadias que andam enfeitando a tarde reta desta cidade esquisita a cada dia que passa, despencando o sol no horizonte em silêncio. nunca mais será visto assim, deste mesmo modo. cândido, embriagado de beleza.

Sou escravo deste trabalho que me envolve o coração com lava rebuliça e estros de flor. Para os outros isso nem existe, só o medo dos miseráveis, o sorriso dos oprimidos, o duro dia dos ônibus lotados de magra gente que leva seus ovos para mijarem pessoas em outras pessoas. O povo que gosta disso aqui num ta com nada, o que serve é o outro, o que vai para os ricos, os que tem grana pra esfregar na cara de quem não tem nem bosta no cu pra cagar. Vou levar meus sonhos pra outro lugar dentro de mim, pois aqui fora ta difícil ser alegre.

Ninguém está ouvindo este choro, nem a nossa senhora que me ensinou o que é pecado. Nem o Jesus que andou nas águas, e duplicou peixes e deu de beber a seus amigos numa festa na lapa deixada no passado. Vinhos seco, alegre a doçura destes diamantes que me convidam para o banquete de restos.



# projeto **CARIMBO** para desfalcar o banco central

**ALVO:**  
notas e papéis  
que possuam  
valor monetário  
e/ou documental.  
paredes e outros  
corpos urbanos.

# AMEOPOEMA

carimbo artesanal 001 - já nas peles e notas

## e **POEMATIZAR PELES...**

Se o dinheiro trás problemas, a poesia como agente de transformação, irá desfalcar o banco central retirando algumas centenas de notas. A arte trazendo soluções. Mais uma vez, salvando o dia a dia das cidades em trânsito frenético.

Uma ideia quase morta revive, nesta época pós aquariana, numa geração urgente e sem tempo para avaliar o real sentido e espaço das coisas em suas vidas.

a popularização do poema como tatuagem [e|ou] o corpo como material de escrita.

Esta intervenção propõe de maneira pecaminosa sem perder a pureza, uma interseção do poeta no corpo do outro, o toque, o olhar, a angústia do desconhecido momento seguinte. Espera.

Visto que o poema é algo que carregamos por tempo indeterminado em nossas mentes.

tendo-o tatuado no ante braço (ou em qualquer outra parte mais ou menos plana do corpo) o poema se torna visível e lembrado.



carimbo artesanal 002 - protótipos

carimbo artesanal 003 - protótipos



4,5 CM

4,0 CM

... Por se tratar de um dos projetos de maior aceitação popular do selo Outras Dimensões. Cujas poéticas da palavra (palíndromo) que dá nome a uma série de outros braços móveis, é forte e linda, dentro das línguas lusófonas. Cabendo a algum infeliz esta tradução e transformação em palavra poética. Nem sempre todas as pessoas estão abertas ao poema na hora que ele desabrocha. Eis uma das funções do poeta como ser social. ... a Poesia como um relâmpago que corta a noite, rápido e certo.

**Passou, carimbou, foi...**



# AUTO MUTILAÇÃO

Gino Ribas

O choro melancólico dos mortos que sentem sua sede de sangue crescer assustadoramente me compele a escrever sobre assuntos mórbidos e tétricos. Num primeiro momento, os mortos representam os valores que continuamente vão sendo esquecidos, até mesmo os valores conferidos ao comportamento de alta estirpe vão sendo diluídos perante o imediatismo fugaz. A capacidade de captar os sinais emitidos pelo outro vão sendo desmembrados pelas novas tecnologias que nos condicionam a desviar o olhar e a evitar o contato. A arte do encontro, do desvelar-se, do abrir-se está sendo paulatinamente substituída por uma valorização da persona enquanto sujeito que se representa a partir de sua própria fragmentação. Ocultam-se a inteireza e a beleza do ser é reduzida à construção de imagens previamente selecionadas para servirem como parâmetros dos seus gostos e atitudes: as fotos expostas no facebook, os gostos estéticos e nossos atos estão sendo resumidos em atos fotografados e logo em seguida expostos. A cultura da exposição se revela portadora da auto miopia coletiva que ignora os aspectos mais sombrios e insanos da nossa alma. As doenças psíquicas ocultam-se na febril necessidade de se estar conectado ao novo, de ver a construção de sua personalidade atrelada ao moderno, ao cool, tão somente

como estereótipo, como se um bocado de barba e um óculos fundo de garrafa já fosse o suficiente para assumir os ares de saber que exige a sociedade do espetáculo. Os poemas são eleitos como mercadorias a serem comercializadas no palco da teatralidade social, com lugares e pronúncias esperadas, a inspiração do momento cede lugar à pré fabricação de si mesmo e de sua necessidade de se mostrar detentor de um conhecimento absoluto mas totalmente destituído de valor sólido, concreto. Nas miragens virtuais, constroem-se pontes de simplificações, de adereços, o conteúdo estético aprovado é o valor conferido aquele que se manifesta abertamente defensor do futuro e da permanência das novidades. A novidade é um segundo da aprovação do suposto aplauso alheio: curte ou compartilha. A personalidade sendo fragmentada, não resgata a sua memória e suas raízes vão sendo esquecidas na tentativa de preservar a auto imagem moderna e imaculada. Os "velhos acontecimentos" vão sendo arquivados nos porões de algum pub qualquer, enquanto as máquinas se tornam o viés de comprometimento com o novo. O lirismo bucólico de nossos ancestrais respiram a margem desta nova natureza humana e qualquer contemplação ou visão diferenciada já tende a ser interpretada como devaneios de um sujeito com tendências proféticas e messiânicas. Repousa a verdade em algum site ou canal de comunicação, cabe aqueles que ainda prezam olhar nos olhos estender sua presença para além do olhar mórbido e perdido do outro.

latentesviagens.blogspot.com  
ginoribas@yahoo.com.br

MARITACAS TONTAS DESENHAM CÍRCULOS NO CÉU

reboot reboot reboot  
try it again try it again  
stuck in the moment  
it returns it returns  
ler tem um quê de cartografia  
traçar rotas possíveis  
mapear os corredores do tempo  
enquadrar localização estamos  
aqui e por que haveríamos  
de buscar outro lugar  
a escuridão uma sombra  
incômoda ao ímpeto de querer  
clarear  
tudo o tempo todo tudo  
tudo o tempo todo tudo  
tudo o tempo todo tudo  
o que não existe nos é  
externo estranho  
assimilamos diferenças  
prendemos coleiras na realidade  
às voltas com um nada que  
não se sabe assimilado  
e enquanto gritam as maritacas  
o tempo todo outras dimensões sussurram

Iago Passos  
iago\_psouza@live.com



# METÁFORA

Henrique Santos (**Pakkatto**)  
pakkatto@gmail.com  
pakkatto.blogspot.com.br

Não estamos sozinhos  
Viemos do encontro  
Vamos ao encontro  
Sentimos o mundo através do tato

Sons, cores, sabores, olfato  
Tua pele, tesão, medo, felicidade  
Variações incríveis do mesmo fato:  
Colidimos com o tecido da realidade

Mas não precisamos posição  
Nem, com certeza, velocidade  
Seguimos vivos, colidindo com tudo  
Contato  
    com tato  
        contato

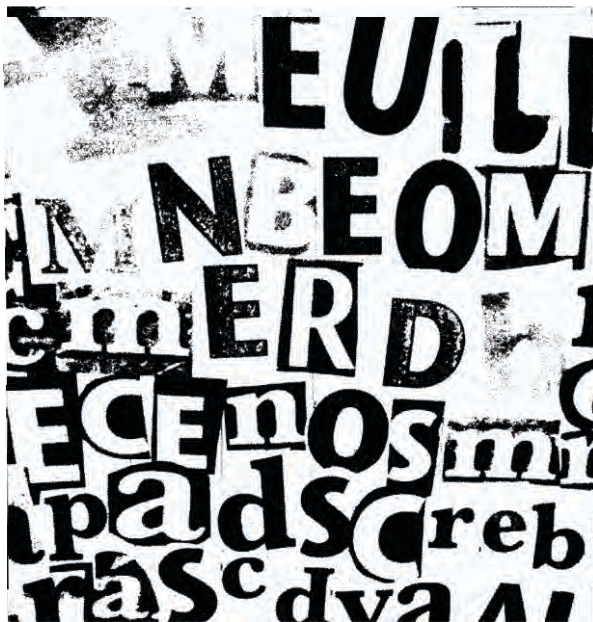
Intangíveis e sem esse contrato,  
Sonhos, memória e saudade  
Saltam do vácuo quântico  
Sob a forma de um poema

Extraindo beleza do efêmero  
Sem a matemática correta  
Eu aprisiono o tempo  
Com rede de caçar borboleta

# O RETRATO

um beijo  
que me manda  
voa  
me encanta  
anseio  
    desejo  
        intoxica  
almejo  
o afago  
    não basta  
        me despeço  
  
bocejo.

Lucca Mezzacappa  
luccamezz@gmail.com  
ilustrar-ção: Rômulo Ferreira



circulação mínima, até serem recuperadas pelo site é se dar conta de quanto da arte do século XX, em aparência tão próxima e familiar, já caiu numa área de sombra conhecida apenas por especialistas, ou nem isso. Em suas dez edições, a “Aspen” publicou textos de Roland Barthes e Marshall McLuhan, composições de John Cage e Lou Reed, e teve uma de suas caixas criada por Andy Warhol. Mas até aparecer no UbuWeb, a revista só podia ser achada na coleção de um punhado de bibliotecas públicas. Mesmo a obra de artistas canônicos tem lados menos óbvios registrados ali. Conhecido por suas colagens, o alemão Kurt Schwitters aparece no site com uma série de poemas sonoros, entre eles uma sonata fonética em quatro movimentos, ignorados em seu catalogue raisonné, que se dedica apenas à sua obra visual. Algo parecido acontece com os experimentos musicais do pintor Jean Dubuffet, estranhas misturas de jam sessions com recitais de poesia.

— O site mostra que existe toda uma tradição da vanguarda a ser estudada com mais cuidado — diz o dramaturgo Mac Wellman, que deu um curso sobre o UbuWeb no Brooklyn College. — Ali você encontra uma história diferente do que é a cultura moderna.

A noção de “vanguarda” usada no site é elástica e inclui de etnopoesia a obras contemporâneas. Uma seção intitulada “Outsiders” reúne poemas apócrifos colados em orelhões de Nova York no começo dos

anos 1990 e panfletos nonsense distribuídos pela cidade que atribuíam a uma organização secreta chamada A Ordem Antiga a responsabilidade pelo bombardeio de Pearl Harbor e pela morte de Bruce Lee, entre outras coisas.

A crítica Marjorie Perloff diz que um dos méritos do site é botar o termo vanguarda mais uma vez em circulação, desafiando as interdições de historiadores e teóricos da arte:

— Todos esses termos, modernismo, vanguarda, pós-modernismo, se baseiam em distinções muito escorregadias. Muitas pessoas se opõem ao termo vanguarda, pensam que soa elitista. Mas é claro que é elitista, sempre foi. O UbuWeb é fundado nessa crença, de que precisamos de um site que não vai se dedicar apenas ao que agrada à média das pessoas.





Roubo, plágio e pilhagem de textos são as principais técnicas ensinadas pelo poeta **Kenneth Goldsmith** aos alunos das suas oficinas de escrita não criativa na Universidade da Pensilvânia. Seus métodos literários, ele afirma, são os mais adequados a uma época em que a principal arte popular é o arquivamento de dados (em computadores, celulares ou servidores online), e na qual “a pessoa que pode apontar a melhor informação é mais poderosa do que a pessoa que faz a melhor informação”. Descritos por ele próprio como “chatos” e “ilegíveis”, os livros de Goldsmith a rigor não são escritos, mas antes transcritos. “The Weather” (2005) reúne um ano de boletins meteorológicos ouvidos no rádio; “Soliloquy” (2001), tudo que Goldsmith disse durante uma semana; “Day” (2003), uma edição inteira do “New York Times”.

— Mandei um exemplar para o jornal, na esperança de ser

ganhou uma importância que contrasta com a maneira um tanto informal como foi construída.

— É um recurso indispensável, mas que tecnicamente infringe muitos, muitos direitos autorais — resume o crítico e historiador Darren Wershler, que prepara um livro sobre o site. — A sobrevivência do UbuWeb pode em boa parte ser atribuída à personalidade de Goldsmith. Ele tem a audácia de continuar adicionando novo material, e o charme para convencer a maioria das pessoas irritadas que escrevem pedindo que ele tire algo do ar.

Apesar da relativa notoriedade, o site faz o possível para não aparecer muito no radar. Para diminuir problemas com direitos autorais, Goldsmith resolveu excluir o UbuWeb (cujo nome faz referência ao personagem Ubu, das peças do escritor francês Alfred Jarry) do cadastro do Google. Uma busca por “John Cage” no acervo do UbuWeb retorna 191 resultados. Mas quem procurar obras de Cage pelo Google não encontrará nenhum link direto para o UbuWeb. De certa maneira, hoje é preciso saber que o site existe para encontrá-lo, embora ele continue registrado “em todos os buscadores ruins”, como diz Goldsmith, em

referência a serviços como Bing, Altavista etc.

Cinco meses atrás, a página foi derrubada por hackers, o que fez com que Goldsmith mudasse seus provedores para o México. A queda foi comemorada numa lista de discussão online por um grupo de cineastas, segundo Goldsmith a “classe” que mais reclama do site:

— Eles são o que mais sofrem com a transição para a internet, passam de uma tela enorme numa sala escura para um quadro pequeno num monitor. Em geral, no entanto, o site conta com uma boa vontade que não pode ser atribuída apenas à lábia de seu criador. É o que se percebe pela história de um dos itens mais curiosos no acervo do UbuWeb: um documentário sobre os efeitos alucinógenos da mesalina e do haxixe dirigido pelo cineasta Eric Duvivier em colaboração com o poeta francês Henri Michaux. Autor de livros em que registrava suas experiências psicodélicas, Michaux ficou insatisfeito com o resultado final do filme, feito por encomenda de uma empresa farmacêutica. Depois de algumas exibições, o poeta se opôs à circulação da obra. O filme passou décadas desaparecido, até aparecer um dia no

processado, mas não deu certo — diz Goldsmith de Nova York, onde vive. — A questão central com os direitos autorais é o dinheiro. Posso “roubar” o que quiser porque minha poesia não dá lucro.

O mesmo acontece com a mais espetacular obra arquivística de Goldsmith — o site UbuWeb, uma página criada por ele em 1996 e que hoje reúne o maior acervo de arte de vanguarda na internet. De James Joyce lendo “Finnegans Wake” a um longa-metragem dirigido pelo músico John Cage, o UbuWeb possui um conjunto de milhares de vídeos, áudios e textos que dificilmente podem ser encontrados em outro lugar. A coleção do site cresce rápido porque Goldsmith publica primeiro e resolve depois, na conversa, as reclamações ocasionais.

— Ele acredita que não precisa pagar direitos autorais, e acho que está certo — afirma a crítica literária americana Marjorie Perloff, professora emérita de Stanford. — O site dá acesso grátis e universal a obras que estavam sumidas ou eram itens de colecionador.

Para a crítica de arte da revista “The New Yorker”, Andrea K. Scott, o site é mais do que um arquivo virtual:

— O UbuWeb desafia definições. É muita coisa para muitas pessoas. É o mapa e o território. É a água e a onda. É uma obra de arte se você disser que é.

Não existe no mundo um acervo de arte moderna e contemporânea ao mesmo tempo tão extenso e acessível quanto o do UbuWeb, que nasceu dedicado à poesia concreta e até hoje reúne textos de Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari e José Lino Grünwald, além de músicas de Caetano Veloso. Visitada por pesquisadores e artistas, incluída na bibliografia de cursos universitários, citada no “Guardian” e no “New York Times”, a página

UbuWeb. Um representante do legado de Henri Michaux ficou sabendo — mas deixou passar porque gostava do site. Quando a reputação não basta, Goldsmith faz o possível para “transformar inimigos em amigos”. Uma das pessoas a passar por essa conversão foi Yoko Ono. Os advogados da viúva de John Lennon entraram em contato com o site em 2002, quando Goldsmith botou no ar as dez edições da revista multimídia “Aspen”. Cada número da revista, publicada entre 1965 e 1971, vinha numa caixa com folhetos, cartões, pôsteres e discos. Um desses discos trazia obras experimentais de Lennon e Yoko, como uma faixa em que Lennon tentava criar uma melodia apenas mexendo no botão de volume de um rádio, e uma colaboração em que os dois musicavam notícias de jornal sobre eles mesmos.

— Após algum diálogo, Yoko deu permissão para mantermos os arquivos — diz Goldsmith. — Esse tipo de coisa acontece o tempo todo no Ubu. É uma noção flexível de direito autoral, improvisada, com base na confiança. Todos saem ganhando. Explorar as obras que estavam desaparecidas, ou tinham uma



**Sebastião Nunes** nasceu em Bocaiúva, Minas Gerais, em 1938. Estudou publicidade e direito, trabalhou como tipógrafo e fotógrafo (todos estes trabalhos e pesquisas viriam a ser usados mais tarde na produção de sua poesia textual e visual), e começa a publicar seus livros de poemas visuais, tipográficos e topográficos, a partir de 1968, unindo-se a uma geração de poetas de uma década de estranhos-no-ninho: Sebastião Uchoa Leite (1935 - 2003), Orides Fontela (1940 - 1998), Torquato Neto (1944 - 1972) e Roberto Piva, entre alguns outros poetas



### TROCA TROCA TROCA

sonhei um rimbaud modernista entre araras e tamanduás  
pensei um castralves bêbado e futurista.  
e fico nisso: pedaços de bofe grudados na camisa.

que, como Sebastião Nunes, souberam retirar das lições dos modernistas, e dos grupos de retomada de estratégias das vanguardas da década anterior, as implicações est-É-ticas necessárias para produzirem trabalhos que estão entre os melhores das décadas a caminho. Seus poemas do período 1968 - 1989 estão reunidos em dois volumes: "Antologia Mamaluca" e "Poesia Inédita".

Sebastião Nunes não se leva a sério. Considera "irresponsabilidades" as suas obras. São irreverentes, irresponsáveis jamais. Agressivas, sim. E criativas. "Papéis higiênicos" é uma obra esperpêntica e tende para o escatológico. Ótimo. Antiliteratura faz bem no meio de tanta falsa literatura! O livro é uma joia de projeto gráfico. Sebastião Nunes milita na poesia visual. Acima o duas imagens de duas montagens, apenas uma amostra, o jeito é ver o livro inteiro, se for possível pois este tipo de obra não se vende em livrarias comerciais, só por exceção... Melhor buscar no acervo de bibliófilos...

revistamododeusar.blogspot.com

- Dizer que se tem tudo que quer é dar bandeira. Mimimi... miau. Quando se descobre (oh que belo) que o que se tem fere, chega-se precisamente aos pés do desejo: confessa-se fera.
- Fica bom?
- Fica brutalmente bom. Marcha-se.
- Vai-se longe?

- Ao menos até a próxima página, mesmo que chova.

Edmilson Borret

<http://www.recantodasletras.com.br/autores/eborret>

## A cadeira do torturador

Há de haver um lugar n'alma desse torturador  
onde senta a tumba de sua consciência  
onde a obra por ele feita a mando e desmando dos generais  
lá nesse lugar longínquo do infinito  
onde o homem já não sabe de que máquina que é  
e já obedece sem abnegação as ordens de qualquer Salomé  
nessa cadeira todos sentam um dia expiando os próprios atos  
nessa cadeira senta o imolado  
o capataz  
o voraz e sagaz abutre  
e o gavião.

**Antonio Marcos Abreu de Arruda**  
am.abreudearruda@gmail.com  
nossaantologiaeoutrasbossas.blogspot.com



OS POLICIAIS DE ELIAS TINHAM SEDE DE SANGUE.  
OS POLICIAIS DE ELIAS MATAVAM A FOME NA TORTURA.  
TOSCOS, RUDES, ESQUEMÁTICOS, REPELENTES.  
OS POLICIAIS DE ELIAS SUMIRAM NOS PORÕES DA POLÍCIA.  
PRIMEIRA E ÚNICA EXPOSIÇÃO FECHADA ANTES DE ABRIR.

Sebastião Nunes







## NOVA NOTA

escreve  
escreve  
o novo, o certo  
na minha cuca nada leve  
meu Deus, me releve!  
me delete  
me torne breve  
curta, não grossa  
me tire da fossa  
me torne palhaça  
que ri e chora  
me faz de tudo e todos  
um novo  
outra hora

Ana Carolina Medeiros  
anasguissardi.2@gmail.com





## PARIR-SE

(Canto para um filho chamado Heitor)

Quando não coube mais em si,  
O amor extrapolou o corpo.  
Quando o riso já parecia gasto,  
Quando os braços pareciam vazios,  
Quando o colo pedia mais,  
O ventre foi abrigo,  
Explosão de amor maior.  
Ao dar à luz, ao dar a vida,  
A mulher paria-se:  
Nascia, no mesmo instante,  
Um filho e uma mãe.  
Conhecia-se, naquele instante, o indefinível.  
Tateava-se o divino,  
Passou a ser mulher-mãe,  
Fonte de força, de carinho, se segurança.  
Passou a entender o sentido da vida.  
E tudo se resumia em um único nome.

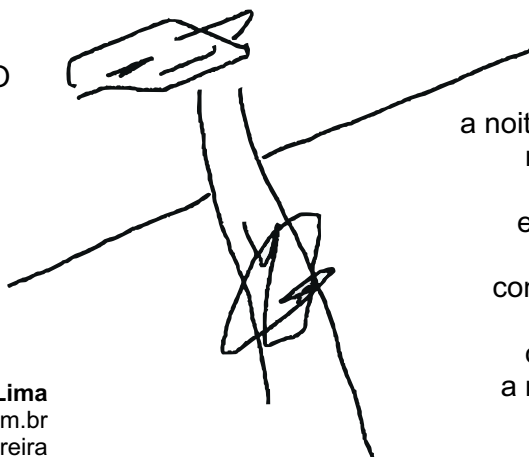
**Dy Eiterer**

edylane@feudo.org  
dyeiterer.blogspot.com.br  
ilustração:: Ellen AJ  
blog dela

ITENS PARA MEU ENTERRO

Eu  
você  
e [pá e chão]

Mauricio Goldani Lima  
mauriciogoldani@yahoo.com.br  
ILUSTRAÇÃO: Breno Ferreira



a noite engole logo o dia longo  
mais uma vez estou aqui  
a minha voz calada é grito  
escrito outra vez a noite  
mais um dia estou  
continuo escrito aqui  
cada noite calada  
outro golpe arrasta o dia todo  
a minha voz saindo do peito

Marcos Assis  
cardeo.blogspot.com

## FÚRIA E MISTÉRIO

**N**o olho do mundo ancestral uma lagarta pressente a morte que do meu ser a aproxima. Por isso salta no tempo. Sou tragado junto com ela para o futuro. E me vejo, de repente, estacionado, diante da mensagem de uma borboleta com pétalas de flor amarela ainda nos dentes – acabou de comer o sol, obviamente, pois que mesmo sendo dia, as sombras pairam sob a copa de uma grande árvore fria. Essa bailarina, perfumada polinizadora, desenrola sua língua, e do estigma interior da corola liba o néctar da palavra para desabrochar novamente o sol e suas ninfas margaridas. Olho novamente para o chão e não há mais lagarta. Sim, estou no futuro. A borboleta despede-se lenta como um balão colorido. Eu, permaneço atravessando eras, imóvel feito pedra.

**David Monsores**  
david\_taba@hotmail.com

# Laura

estava mais bonita,  
mesmo.

Escrevia poesia na hora do banho.

A água escorria da cabeça em mil percursos,  
em mil novos cursos.

E a ideia vinha botando  
os pés nas margens dela.

Até escorregar dançando pelos seus

## infinitos afluentes.

O corpo ali, nu, recebendo palavra.


Toalha: e Laura, agora, só orvalha.

Depois passa um rímel no tempo,  
um batom na vida.

Nudez por cima da roupa.

Poesia por cima da palavra.

Inundada.

 Thaiz Cantasini

# ALERGIA A COR CINZA

Matheus José Mineiro

[www.facebook.com/acachoeiradopoeima](http://www.facebook.com/acachoeiradopoeima)

a vida manuseia a gente com foice e facão, fervoroso boia fria. Sabe que o coração é material corrosivo o qual exige luvas para toca-lo.

Desembestada, a vaca erupção esmaga verduras e hortaliças, acaniveta a carótida, lesiona a panturrilha, gás propano no olho da faísca. Contudo cotidianamente uma força resistente, com ímpeto de búfalos e bisões, prossegue subindo a minha cabeça morro com o calçamento de terra e bloquetes de pedras. O medo a insegurança são substancias tóxicas no fígado da gente. Entre o suflê e a fuzilaria entre o mudra e a lâmina da serraria aturamos – nos. moemos este rapé alucinógeno, que é amor e vigor, no meio do coma e dos transtornos do alumínio. o poema é aquele que oxigena o sangue quando encontra – se esmagado entre os ferrões de aço inoxidável da formiga saúva que mede o mesmo tamanho de uma cidade o poema é o analgésico o poema é o sedante Pra esta vida, diária colheita de jiquiris e urtigas. é com esta sensação que prossigo sensação de barranco e chuva diante do galpão da indústria de material bélico mãos esfregando galhos de cansação halterofilista que não levanta o músculo do próprio coração carreta carregada de querosene tombando na rodovia.

## (EM DIREÇÃO À) LUZ DO MARASMO

A luz do marasmo,  
nos porões da sociedade corrompida.  
a luz do marasmo  
a verdade dita e compreendida.

Você caminha por atalhos,  
e atalhos caminham em você.  
o esconderijo jamais existiu,  
existiu o que se escondeu  
que se escondeu em você.

Tome ao meu cálice  
o deserto é outra profilaxia.  
Certamente viverei cego  
correrei atrás da liturgia  
portanto estaremos acordados  
se na nossa presença  
houver desânimo para o alvorecer  
de um novo dia.

Por favor entenda este mundo como uma  
persuasão da ilusão por todos nós vivida

Cássio Macedo Lopes de Aquino



## Diz Tração

Às vezes estou no meio de uma conversa banal  
com o olhar fixo, com a mente longe.

Em uma distração - de mim


Começo a descobrir os segredos do universo (assim, do nada)

E, de repente, o assunto que era "Sorvete de flocos"

Torna-se na minha mente "As pirâmides do Egito".

Salomão Caetana

[salomaocaetana@gmail.com](mailto:salomaocaetana@gmail.com)

 /Os poetas de saturno passam fome